
Marcos Fava Neves, Vinícius Cambaúva, Daniel Bocca Mancini e Clara Guerreiro

Tensões Geopolíticas Globais Seguem Agitando o Mercado de Milho!

Nosso resumo mensal começa tratando dos impactos da invasão no Leste Europeu. A guerra entre Rússia e Ucrânia é atualmente o principal fator que tem preocupado o mercado de milho, especialmente pelo fato de que ambos os países são importantes fornecedores globais do grão; Ucrânia foi o 4º maior exportador mundial e Rússia o 5º, em 2020/21, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Como resultado, os preços do milho devem sustentar grandes valorizações, pelo menos até o término do conflito, isto porque o comércio global deve receber menor volume do cereal advindo destes países, abrindo espaço para exportações por outros, inclusive pelo Brasil. As estimativas mais recentes do USDA indicavam embarques de milho em torno de 27,5 milhões de t pela Ucrânia e de 4,5 milhões de t pelos Russos, na safra em andamento.

Se não bastasse a incerteza do fornecimento de milho por parte da Ucrânia, o governo do país decidiu proibir as exportações de diversos produtos agrícolas até o final de 2022, dentre os quais estão cereais como o trigo, centeio e cevada, além de açúcar, sal, carne e mel. O objetivo é evitar uma catástrofe humanitária no país e garantir a estabilidade na oferta desses alimentos.

No Brasil, as preocupações com o fornecimento de fertilizantes, especialmente de volumes advindos da Rússia e de Belarus, motivaram o Governo Federal a lançar o Plano Nacional de Fertilizantes (PNF), o qual contempla a estratégia para redução da dependência brasileira de importações desse insumo de 85% para 45%, considerando os próximos 28 anos. O plano aposta no desenvolvimento de tecnologias apropriadas ao ambiente tropical, com oportunidades para produtos emergentes, como é o caso dos fertilizantes orgânicos e organominerais, bioinsumos e biomoléculas, remineralizadores, entre outros. Além disso, o PNF deve facilitar o ambiente de negócios, com política fiscal favorável, linhas de financiamento, incentivo a ações privadas e melhoria na infraestrutura e logística nacional. Devemos colher um impacto dessa iniciativa a longo prazo!

Ainda tratando das consequências da invasão, o preço do trigo tem alcançado patamares recordes na Bolsa de Chicago desde o início do conflito. As cotações estão próximas a US\$ 1,30 por bushel, tendo aumentado 67,13% desde o início do ano, segundo dados do Valor Data. O fluxo de comercialização do cereal segue interrompido nos portos

do Mar Negro e de Azov, gerando preocupação por parte dos importadores. O quanto vai perdurar este problema será decisivo nas cotações do produto.

Voltando agora as atenções para a safra brasileira, o plantio do milho 2ª safra alcançou 87,4% das áreas totais previstas para o ciclo 2021/22 até o último dia 12 de março; contra 71,5% na mesma data de 2021. No Mato Grosso, principal estado produtor, o plantio está em reta final, com 98,1% das áreas já semeadas. Já a colheita do milho 1ª safra segue um pouco mais lenta, com progresso de 33,7% até 12 de março; há um ano era de 32,8%. Na soja, a colheita havia alcançado 63,1% de progresso, contra 48,6% na mesma data do ciclo passado. Por fim, o plantio do algodão foi concluído em todas as regiões produtoras e a colheita deve ser iniciada nos próximos dias. Os dados são da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

No 6º levantamento da safra brasileira de grãos em 2021/22, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) revisou a oferta total de 268,2 (fevereiro) para 265,7 milhões de t (março), queda de 0,9% em um mês, e mais um reflexo dos impactos do clima no campo. Em mais um mês, a soja foi a principal impulsionadora desta queda, com produção agora estimada em 122,8 milhões de t; 2,2% menor que o apontado em fevereiro e 11,1% a menos do que a produção de 2020/21. Na cultura do milho, a oferta foi mantida nos mesmos níveis, em 112,3 milhões de t; volume que é 29,0% superior ao do ciclo passado, a depender de como será nosso desempenho produtivo na safrinha. A primeira safra de milho deve entregar 24,3 milhões de t, e a segunda, algo em torno de 86,2 milhões de t. Por fim, no algodão em pluma, a estimativa está agora em 2,824 milhões de t, salto de 4,2% em um mês e 19,7% maior que a produção do ciclo passado. Aparentemente, o clima está favorecendo as lavouras da fibra, que se encontram em pleno desenvolvimento pelo Brasil.

Apesar da manutenção de bons números para o milho, a Consultoria AgResource Brasil reduziu as estimativas para produção do cereal na 2ª safra de 85,13 para 84,28 milhões de t (-1,0%), graças a novas previsões que indicam a possibilidade de continuidade do “La Niña” no Centro-Sul, nos próximos meses. Infelizmente, em mais um ano, o clima pode ser um fator determinante para os resultados na oferta brasileira de milho. Vamos seguir acompanhando!

Já as exportações do agronegócio seguem com desempenho impressionante! Em fevereiro, o setor vendeu US\$ 10,51 bilhões, 65,8% a mais que o mesmo mês de 2021 e valor nunca alcançado neste mês; ou seja, mais um recorde para nossa lista! O desempenho é resultado do crescimento tanto dos preços (+24,0%) como dos volumes embarcados (+33,7%). Na lista dos 5 principais produtos vendidos temos: na liderança, o complexo soja, que arrecadou US\$ 4,00 bilhões, alta de 151,7; na segunda posição aparecem as carnes, com receitas em US\$ 1,80 bilhão (+ 40,5%); em seguida, aparecem


os produtos florestais com US\$ 1,17 bilhão, crescimento de 38,4% no comparativo com fevereiro passado; em quarto lugar ficou o café, com US\$ 880,7 milhões (+ 94,1%); e, por fim, na quinta colocação, temos o complexo sucroalcooleiro com vendas em US\$ 705,2 milhões, alta de 7,0%.

Outros destaques importantes em relação ao desempenho exportador em fevereiro: considerando todos os setores da economia, o agro exportou quase metade da receita, cerca de 46,0%; em termos de volume, exportamos 6,2 milhões de t de soja, sendo que 4,3 milhões (quase 70%) teve a China como destino; os embarques de farelo de soja cresceram 50,0% no mês, alcançando US\$ 700 milhões; e a China aumentou as compras de carne bovina em 109,0%, em torno de US\$ 546 milhões.

Do outro lado da balança comercial, o setor importou US\$ 1,246 bilhão, valor que é 2,0% maior que as importações de fevereiro de 2021; ou seja, o ritmo de crescimento das vendas é bem maior do que o das compras! Com isso, a balança comercial do setor fechou o mês com saldo positivo de US\$ 9,2 bilhões. No acumulado de 2022, as exportações do agro brasileiro já somam US\$ 19,3 bilhões, alta de 62,2%!

Olhando em detalhe para a cadeia do milho, em fevereiro, as exportações somaram receita de US\$ 183,2 milhões, crescimento de 12,6% em relação ao mesmo mês de 2021. Ainda assim, os volumes caíram 7,6%, ficando em 716,5 mil toneladas embarcadas do cereal; conforme pode ser observado na Figura 1, abaixo. Embora o volume exportado tenha caído, a maior receita foi possível por conta da elevação nos preços médios, de 21,8%, que fechou em US\$ 255,6/t. No acumulado do ano, os embarques estão com volume 10,5% maiores, próximos de 3,5 milhões de t, e já somam receita 37,5% superior à de 2021.

Figura 1. Exportações mensais e acumulada de milho pelo Brasil

 Milho	Volume Exportado (mil toneladas)	Receita (milhões de US\$)	Preço Médio (US\$/ton.)
Fevereiro de 2021	775,2	162,7	209,9
Fevereiro de 2022	716,5	183,2	255,6
Variações	-7,6%	12,6%	21,8%
Acumulado 2021 (janeiro + fevereiro)	3.119,9	617,0	209,9
Acumulado 2022 (janeiro + fevereiro)	3.447,9	848,4	255,6
Variações	10,5%	37,5%	21,8%

Fonte: Markestrat Agribusiness com base em Mapa.

Em fevereiro, o índice de preços de alimentos da Agência das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) alcançou 140,7 pontos, crescimento de 3,9% em relação a janeiro e de 24,1% em relação ao mesmo mês de 2021. O valor é também o maior já registrado, superando a máxima de fevereiro de 2011. Óleos vegetais (201,7 pontos) e produtos lácteos (141,1 pontos) seguem sendo os que lideram a alta.

No cenário global, o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) aponta novas estimativas para a produção de grãos em relatório divulgado no início de março. No milho, o órgão reviu a oferta global para 1.206,1 milhão de t; alta de 0,6% em relação ao relatório de fevereiro e de 7,3% em relação a produção de 2020/21. Entre os principais países produtores, a oferta foi mantida nos EUA, China e Brasil em 383,9, 272,5 e 114,0 milhões de t, respectivamente. Na comparação com a safra passada, estes três países devem entregar 7,1%, 4,5% e 31,0% a mais do cereal. Na Argentina, a produção foi reduzida de 54,0 para 53,0 milhões de t, 1,8% menor. Apesar do maior volume de produção global, o USDA estima estoques menores este mês - em 1,3 milhão de t - apontados agora em 300,9 milhões de t. Ainda assim, o volume armazenado do grão deve ser 3,2% superior ao registrado em 2020/21.

Na soja, o USDA segue jogando para baixo as estimativas. Neste mês, o departamento apontou a oferta em 353,8 milhões de t; em fevereiro estava em 363,9 milhões de t, ou seja, 2,8% menor este mês. Com isso, a produção da leguminosa será 3,4% menor que 2020/21. A redução é reflexo da baixa na oferta do Brasil, principal produtor, que tem produção estimada agora em 127,0 milhões de t, contra 134,0 de fevereiro e 138,0 de 2020/21; nosso país deve entregar 8,0% a menos nesta safra. Como consequência das baixas, os estoques da leguminosa devem ficar em torno de 89,9 milhões de t, 11,9 milhões de t a menos em relação a 2020/21, quando os estoques foram apontados em 101,8 milhões de t.

Ainda de acordo com as estimativas de longo prazo do USDA, o Brasil deve se consolidar cada vez mais como protagonista no mercado internacional de alimentos e bioprodutos. As exportações de soja, por exemplo, foram avaliadas pelo órgão americano em 136 milhões de t para 2031/32, o que representaria 62% do comércio global. No milho, os embarques devem chegar a 65 milhões de t, participando de 26% dos fluxos internacionais do cereal. Já no algodão, a participação brasileira deve crescer de 17% para 27% do suprimento global. Por sua vez, nas carnes bovina e de frango, o Brasil deve manter sua liderança, exportando 3,69 milhões de t e 5,2 milhões de t, respectivamente. Dentro desse contexto, devemos ganhar pontos sobre os EUA e os preços tendem a uma acomodação ao longo dos anos, saindo dos elevados patamares encontrados hoje. O relatório também aponta mercados que merecem atenção: Egito e Iran para milho; Vietnã e Bangladesh para o algodão; e México, Filipinas, Indonésia e Malásia para carne bovina.

No etanol, no acumulado da safra 2021/22, desde abril, a produção alcançou 27,2 bilhões de litros, crescimento de 8,9% em comparação com o mesmo período do ciclo passado. Deste total, 10,9 bilhões de litros foram do etanol anidro (+12,4%) e outros 16,26 bilhões de litros do hidratado (-19,08%). O milho contribuiu como matéria-prima para a produção de 3,2 bilhões de litros do biocombustível até aqui, crescimento de 37,2% e representando 11,8% de toda a oferta em 2021/22.

Por fim, fechando nosso resumo mensal, em 17 de março de 2022, os preços do milho pelo Cepea/USP estavam em R\$ 103,57/sc (60kg), alta de 7,3% na comparação com a mesma data de fevereiro (R\$ 96,51/sc); e 10,8% maior que a cotação há um ano (R\$ 93,44/sc). Demais produtos do agro registravam os seguintes valores: soja (Indicador Paraná) em R\$ 199,80/sc, alta de 4,0% no comparativo mensal; o algodão em pluma em R\$ 6,96/libra-peso, crescimento de 0,2% nos últimos 30 dias; e o boi gordo em R\$ 349,45, alta de 1,0% na comparação com 17 de fevereiro.

Os cinco fatos do milho e do agro para acompanhar diariamente em abril são:

1. **Tensões geopolíticas entre Rússia e Ucrânia:** a guerra entre os dois países deve prejudicar diretamente o suprimento global de milho. Com oferta limitada, os preços devem se sustentar em níveis elevados, a depender da continuidade do conflito. Talvez seja o momento de aproveitar a conjuntura e realizar a venda de parte da produção.
2. **Início da safra de milho em importantes players:** nos próximos meses, os Estados Unidos devem iniciar a semeadura de sua safra de grão e a expectativa é de crescimento na área de milho, graças a demanda elevada e oferta limitada do cereal. De outro lado, ainda não se sabe qual será o comportamento para o plantio do grão na Ucrânia, que seria iniciado nos próximos meses. Essencial seguir acompanhando!
3. **Clima e possibilidade de continuidade do La Niña:** com mais de 70% das áreas de milho safrinha já semeadas, a preocupação agora está voltada – mais uma vez – para o clima. Novas previsões indicam que o fenômeno La Niña pode limitar a pluviosidade no Centro-Sul nos próximos meses. Vamos torcer para que os impactos sejam mínimos.
4. **Oferta, disponibilidade e custos de fertilizantes:** as negociações para um acordo entre Rússia e Ucrânia e os inesperados resultados dos embargos em andamento devem afetar os preços de fertilizantes e outros insumos. É necessária muita cautela neste momento. Com todas as ações sendo tomadas por diversos países, é provável que a oferta supere a demanda em algum tempo e derrube os preços.

5. **Progresso das exportações brasileiras de milho:** vamos ver se no próximo mês já teremos algum efeito do contexto geopolítico global na dinâmica de comércio global de commodities brasileiras. Lembrando que, caso o Brasil amplie sua oferta global de milho, os preços internos do cereal devem se valorizar, o que pode impactar diretamente cadeias interligadas, como as de produção de carne, leite, ovos e outras.

Marcos Fava Neves é Professor Titular (tempo parcial) da Faculdade de Administração da USP (Ribeirão Preto) e da EAESP/FGV, especialista em planejamento estratégico do agronegócio.

Vinícius Cambaúva é Engenheiro Agrônomo pela FCAV/UNESP, mestrando em Administração de Organizações da FEA-RP/USP e Consultor Associado na Markestrat Group.

Daniel Bocca Mancini e Clara Guerreiro são estagiários na Markestrat Group.

**Este conteúdo é parte integrante do projeto Somos Milhões, uma iniciativa da Nidera Sementes, e que conta com a participação da Markestrat Group. Nosso agradecimento a todos os envolvidos nesse importante movimento em prol da cadeia brasileira de milho.*